

Fazenda Santa Rosa: o sonho e o fracasso do trabalho imigrante nas fazendas de café

Profª. Leila Vilela Alegrio

Com o fim do tráfico de escravos africanos para trabalhar nas lavouras de café, alguns fazendeiros tiveram o sonho de substituir os braços do trabalho dos cativos por imigrantes europeus, e numa verdadeira onda de instalar colônias em suas fazendas várias foram as iniciativas por todo o Vale do Paraíba, e até mesmo na região de Cantagalo, São Fidelis e Campos.

Somente no Vale do Paraíba, a partir de 1852, foram criadas as colônias de Santa Justa, do vereador Braz Carneiro Bellens (fazenda Santa Justa), Independência, de Nicolao Antonio Nogueira da Gama (fazenda Independência), das Coroas, do marquês de Valença, Estevão Ribeiro Rezende, e de Santa Rosa, do então visconde de Baependy, Braz Carneiro da Costa e Gama, todas estas colônias localizadas no município de Valença, e todos os colonos de origem alemã. Ainda na região, uma colônia de famílias portuguesas foi instalada nas fazendas do comendador Joaquim José de Souza Breves, localizadas em Passa Três, município de Pirai.

Para exemplo da trajetória dessas colônias, escolhi a da fazenda Santa Rosa, que foi semelhante a todas as demais.

O visconde de Baependy reunido aos demais fazendeiros da região resolveram engajar na Alemanha cidadãos que desejassem vir trabalhar nas lavouras de café. Para isso, enviaram mensageiros para aquele país munidos de um contrato, no qual os principais itens baseavam-se em dar aos colonos trabalho por parceria, além de se comprometerem em adiantar o pagamento das passagens para o Brasil e até as fazendas, fornecerem acomodações, alimentos e medicamentos assim que se instalassem, uma porção de terra para cultivarem alimentos para subsistência e para criação de pequenos animais, e um determinado número de pés de cafés, os quais deveriam cuidar até a colheita e os primeiros beneficiamentos. Após a colheita, o produto seria vendido pelo proprietário da fazenda, e retiradas as despesas do transporte do café para a corte e o beneficiamento, além de parte da dívida contraída com a vinda desses colonos para o Brasil; os lucros, então, seriam divididos entre eles.

Outros dados importantes nesse contrato era a proibição de engajamento de solteiros, exigiam que famílias fossem exclusivamente de lavradores, e que professassem a religião católica.

Assim, em 17 de maio de 1852, chegaram à fazenda Santa Rosa 149 indivíduos, formando 22 famílias, todos naturais da Thuringia, embarcados no porto de Hamburgo, nas “barcas” Catharina e Lorenz, depois de uma viagem de 65 dias e o falecimento durante a viagem de 4 crianças.

No ano seguinte, o relatório do presidente da província do Rio de Janeiro ressalta que o visconde de Baependy havia construído 15 casas para habitação dos colonos, todas cobertas de telha, e que outras estavam sendo edificadas, e curiosamente informa que eram 152 pessoas, sendo 24 famílias,



Sede da Fazenda

todas protestantes, e que os colonos já tinham plantado milho, hortaliças em abundância e outros gêneros, além de lhes terem sido distribuídos 59.388 pés de café.

Os primeiros problemas começaram a surgir porque nem todas as recomendações estabelecidas pelo visconde foram cumpridas:

“Não só lhe não enviaram gente afeita a trabalhos agrícolas; mas ainda, contra sua expressa recomendação, vieram colonos solteiros como formando parte de famílias, de que não eram membros e as quaes não estavam ligados pela menor relação de parentesco”.

Alguns, dentre eles, se envolveram em desordens, tendo as autoridades necessidade de intervir para acalmar os ânimos — dois processados e condenados pelo juiz de direito.

Apesar desses contratemplos, o visconde se considerava otimista e havia contratado um pastor protestante, de nome Winkler, para fazer casamentos, batismos e outras cerimônias religiosas, tendo ainda construído um cemitério próprio para os emigrantes.

Em 1859, tudo parecia correr maravilhosamente! Os colonos viviam satisfeitos e contentes. Entre as famílias, 18 delas não deviam mais nada ao fazendeiro e 17 ainda tinham dívidas a pagar. Uma escola de primeiras letras funcionava numa casa, e o fazendeiro tinha perdoado algumas exigências contratuais.

Em 1862, portanto, três anos depois dos relatos de grande satisfação de ambas as partes, e dez anos após a fundação dessas colônias, o relatório provincial nos informa que: as colônias das Coroas, da Independência e da Santa Justa estavam todas extintas, e que na Santa Rosa restavam apenas 5 famílias, composta de 19 indivíduos, que ali permaneceram não como colonos, mas como protegidos do então conde de Baependy, e que se ocupavam da cultura de cereais, “que vendiam por sua conta exclusivamente”.

Segundo o presidente da Província do Rio de Janeiro, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, o fracasso das colônias por parceria deveu-se aos seguintes fatos:

“Os colonos, trazendo no espírito a ambição, e a esperança de serem proprietários, por melhor que se estabeleçam, e os tratem os fazendeiros, rompem logo seus contractos, evadindo-se, se são alemães ou suíços, para as colônias fundadas nas províncias do Sul pelo systema da pequena propriedade, que elles facilmente adquirem, ou, se são portugueses para as grandes cidades, onde acham trabalho completamente independente em que se empregam com proveito exclusivamente próprio”.



Fundos da Sede

É evidente que não foram somente essas as causas que fizeram com que as colônias agrícolas fundadas pelos fazendeiros não lograssem bons resultados, e muito se tem estudado sobre a imigração de italianos no início do século XX, para as fazendas cafeeiras de São Paulo. Na maioria dos casos, os imigrantes se sentiam explorados e enganados pelos fazendeiros, o que os levaram a abandonar essas colônias.

A fazenda Santa Rosa, como todas as grandes fazendas de café do Vale do Paraíba fluminense, logo após a abolição do trabalho escravo, teve seu fim decretado. Com a morte do então conde de Baependy, sua viúva e filhos vendem a fazenda, em 1890, com todas as benfeitorias, 180 mil pés de café e os 1010 hectares de terras. ☹️